

GEORGE KENNAN AOS CEM ANOS

José Cutileiro

Conheci George Kennan em Abril de 2001. Phillip Griffiths, director do Institute for Advanced Study de Princeton, tinha-me escrito a perguntar se eu estaria interessado em candidatar-me ao lugar de «George F. Kennan Professor» na Escola de Estudos Históricos do Instituto. Era um posto recente, de nomeação temporária. O primeiro incumbente, Jack Matlock, antigo embaixador americano na URSS, e historiador, acabava o seu contrato e o Instituto procurava alguém que, tal como o homem que dera o nome à cátedra, tivesse passado parte da sua vida profissional em universidades ou outros centros de investigação e outra parte no serviço público, de preferência diplomático. Respondi que sim e fui a Princeton para entrevistas. Quando estas acabaram, fiquei de me encontrar com Griffiths no Yacht Club de New York, daí a dois dias, para ele me dar a conhecer a decisão do seu conselho. Antes de deixar Princeton, foi-me sugerido que fizesse uma visita a George Kennan. Descobri então que o grande homem ainda era vivo, gostava de receber e conversar e talvez tivesse uma palavra a dizer na escolha de quem passaria a juntar o seu nome ao nome dele em cartões de visita – fulano de tal, George F. Kennan Professor, etc.

ENCARREGADO DE NEGÓCIOS EM LISBOA

Kennan recebeu-me com a amabilidade, hoje quase desaparecida, de alguns homens antigos que conheci e falou-me de Portugal, onde tinha vivido. A seguir à entrada dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, Kennan, conselheiro na embaixada em Berlim, fora internado antes de, passado algum tempo, regressar aos Estados Unidos, e vir a ser colocado na legação em Lisboa em 1943. Na altura, o ministro americano aqui era um homem de negócios simpático e astuto que evitava ir ver Salazar porque tinha medo de fazer má figura diante dele e raramente punha os pés na chancelaria da missão. O casal Kennan instalou-se numa quinta em Colares – representada em aguarela na parede de uma das salas da sua casa de Princeton – e deu-se com a burguesia lisboeta anglófila: nesse primeiro encontro a mulher, Annelise, perguntou-me como estavam os Pinto Basto. Pouco depois o ministro americano morreu inesperadamente e Kennan passou a encarregado de negócios.

Discutia-se então a cedência aos Aliados de facilidades nos Açores – o que veio a ser a base das Lajes – e, para tratar disso, Kennan encontrou-se várias vezes não só com o secretário-geral das Necessidades, embaixador Teixeira de Sampayo, mas também com Salazar que acumulava os Negócios Estrangeiros com a Presidência do Conselho. As negociações das Lajes tinham sido difíceis com os ingleses, que Salazar e Teixeira de Sampayo consideravam mesquinhos e inflexíveis na defesa dos seus interesses, mas que, antes dos americanos, tinham obtido facilidades. A cedência fora inevitável, a menos que Salazar tivesse querido fazer bascular Portugal da neutralidade para o campo do Eixo, mas conceder facilidades aos ingleses deve-lhe ter doído mais do que arrancar um dente sem anestesia. Os americanos vieram a seguir e, como muitas vezes lhes acontece, começaram mal, desatentos a sensibilidades portuguesas, mas Salazar quase não se chegou a dar conta disso. Kennan percebeu o risco dessa incúria, meteu-se no assunto para além e para cima do que o seu estatuto e as suas funções, em princípio, permitiriam, foi aos Estados Unidos de propósito (o avião levava cinco dias a lá chegar), conseguiu ser recebido por Roosevelt na Casa Branca, trazer uma carta dele para Salazar – e reencaminhar o pedido de maneira propícia a uma anuência rápida dos portugueses. Com tal jeito que Teixeira de Sampayo louvava depois a largueza de vistas dos Estados Unidos, quando comparada com a pequenez britânica a tratar de assunto semelhante. Disto tudo não falámos nesse primeiro encontro. As reminiscências lisboetas de Kennan foram mais sobre pessoas. A certa altura disse-me: «Nós gostávamos do Salazar.»

«Porquê?»

«Não era corrupto.»

Quando tal oiço, a minha resposta padrão – a minha cassette – costuma ser: «Robespierre também não era», mas dessa vez achei melhor não comentar. Ocorreu-me que, de um país pequeno e pobre do Sul da Europa, em 1943, os americanos não devessem esperar integridade em governantes e a rectidão de Salazar os tivesse,

justamente, impressionado. Além disso, a idade do meu anfitrião e a sua urbanidade exemplar não me incitavam à polémica. Fiz bem em calar-me, ainda por outra razão. Nas várias conversas que depois fui tendo com Kennan aprendi que ele se considera um homem do século XVIII. Entende que o mundo criado pela Revolução Francesa tem

NAS VÁRIAS CONVERSAS QUE DEPOIS FUI TENDO COM KENNAN APRENDI QUE ELE SE CONSIDERA UM HOMEM DO SÉCULO XVIII. ENTENDE QUE O MUNDO CRIADO PELA REVOLUÇÃO FRANCESA TEM MENOS A VER COM ELE DO QUE O MUNDO QUE A REVOLUÇÃO FRANCESA DESTRUIU.

menos a ver com ele do que o mundo que a Revolução Francesa destruiu. Não espanta, assim, que a figura da história com quem mais se identifique seja Edmund Burke, político e pensador inglês, nascido na Irlanda, cujo ataque ao jacobinismo em *Reflexões sobre a Revolução em França* (1790) se tornou num clássico. Kennan tem uma visão conservadora do que a sociedade deveria ser (a sociedade americana e outras), desagradam-lhe excessos, incluindo os provocados por zelo ideológico, e não espera muito de bom da natureza humana.

Conhece bem a Rússia, muitos dos seus escritos principais são sobre ela, e um dia em que falámos de Putin disse-me nunca o ter encontrado mas, à distância, gostar dele. «Não bebe, mantém-se em boa forma física, tem uma vida familiar decente – já não é nada mau para um chefe na Rússia de hoje».

Em Fevereiro passado, quando fez cem anos, o Instituto dedicou-lhe um simpósio de homenagem que eu organizei. Além de mim, de Jim Wolfensohn, do Banco Mundial, presidente do «Board of Trustees» do Instituto, e de Jack Matlock, falaram dois americanos e dois estrangeiros. Dos primeiros, um republicano, Larry Eagleburger, o único diplomata de carreira na história dos Estados Unidos que foi secretário de Estado (Ministro dos Estrangeiros) e trabalhara com Kennan; e um democrata, Strobe Talbott, o secretário de Estado Adjunto que mais anos ocupou o lugar, hoje presidente da Brookings Institution, think tank liberal de Washington, ele próprio especialista da União Soviética, que visitara Kennan frequentemente enquanto estivera no governo. Os estrangeiros vinham dos países que mais contaram na carreira diplomática e na obra académica de Kennan: da Alemanha, Karl Kaiser, politólogo, ex-conselheiro de Willy Brandt, professor-visitante em Harvard e, da Rússia, Alexandre Bessmertnych, diplomata e último ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética. De maneiras diferentes, com diferentes experiências e nem sempre de acordo com ele, todos nós admiramos Kennan – o diplomata, o historiador, o escritor, o homem – e gostamos dele; o simpósio foi uma homenagem lúcida e sentida, tornada mais expressiva pela presença do próprio George que já não sai de casa mas, nesse dia, abriu uma excepção e, de cadeira de rodas, fez uma aparição curta, no começo, a contar-nos o convite que há meio século recebera de Oppenheimer para integrar o Instituto. A mulher (com 95 anos), o filho e as três filhas estiveram até ao fim. Para eles, disseram-me depois, fora «uma tarde mágica».

Quando íamos para café no intervalo não resisti e disse à filha mais velha que tem mais dois anos do que eu e que conhecera nesse dia: «Com a possível excepção do seu pai eu devo ser a pessoa mais reaccionária hoje aqui presente». (O Instituto é um viveiro de causas progressistas.) «Não calcula a vergonha que eu tinha dos meus colegas quando andava no liceu e na faculdade...», suspirou ela.

O PAI DO CONTAINMENT

Kennan ficará na História sobretudo por ter imaginado e proposto, nos anos quarenta, a maneira melhor de lidar com a União Soviética. Não era procurar seduzir e conquistar a simpatia dos seus dirigentes – não havia diálogo possível e tal levaria apenas ao enfraquecimento do Ocidente – nem era atacá-la militarmente. Era contê-la, sem a deixar ganhar terreno, físico ou ideológico, fosse onde fosse no mundo. Previu que o regime do partido comunista acabaria por se esboroar, minado por dentro, e que, quando isso acontecesse, a Rússia passaria de superpotência a país fraquíssimo – o que veio realmente a acontecer, quarenta e tal anos depois. Num telegrama mandado de

Moscovo, onde era o número dois da embaixada, em 1946 – «O Longo Telegrama» – e num artigo publicado anonimamente na revista *Foreign Affairs* – «The Sources of Soviet Conduct», por X – em Julho de 1947, Kennan expôs admiravelmente as suas razões e, ao contrário do que quase sempre acontece, a sua visão esclarecida foi adoptada pelo governo que servia e constituiu a base da política norte-americana para com a União Soviética até ao colapso desta. Segundo Kennan, deturpada, pois ele não advogara – pelo contrário, reprovava – o crescente poder militar com que os Estados Unidos e os seus aliados confrontavam a União Soviética. Kennan entendia que esta, no fim da guerra de 1939-1945, não constituía militarmente um perigo. Por isso foi contra a decisão de criar a NATO, embora como funcionário leal tivesse participado na elaboração do Tratado do Atlântico. Favoreceu também o *non-first-use* da arma nuclear, embora a admissão dessa possibilidade parecesse a muitos de nós (e retrospectivamente continue a parecer) a melhor maneira de dissuadir Moscovo de aventuras guerreiras hostis ao Ocidente. Nestes dois pontos – NATO e o uso da arma nuclear – Kennan não tinha razão e os seus conselhos não foram felizmente seguidos. Em 1949 propôs a unificação e neutralização de uma Alemanha desarmada, mas essa proposta tão-pouco vingou. Enquanto, por essa altura, se ocupou da Alemanha, desempenhou um papel importante na criação do Plano Marshall.

A carreira diplomática de Kennan foi relativamente curta. Depois de vários postos no estrangeiro e em Washington, fundou e dirigiu a partir de 1947 o serviço de planeamento estratégico (*Policy Planning*) do *State Department*. Nomeado embaixador em Moscovo em 1952, foi declarado *persona non grata* daí a pouco tempo por, numa visita à Alemanha Federal, ter criticado a maneira de o regime estalinista tratar os diplomatas – críticas inteiramente fundadas, bem entendido, mas incompatíveis com o estatuto de um enviado diplomático. Em 1953, por desentendimento com John Foster Dulles, secretário de Estado de Eisenhower, abandonou a carreira.

Foi nessa altura que o físico Robert Oppenheimer, o mais célebre director do *Institute for Advanced Study*, o convidou para lá ser professor e a segunda profissão de Kennan, a de historiador, estabeleceu-se para sempre, salvo durante um curto intervalo como embaixador em Belgrado, no começo dos anos sessenta, a convite de John Kennedy – donde saiu também por entender que a administração não lhe dava o apoio devido. Publicou quase vinte livros, de investigação rigorosa, alguns deles muitas vezes reeditados, sobre diplomacia americana, história diplomática russa, alemã e francesa, e a sua própria experiência. *Russia Leaves the War*, primeiro volume de *Soviet-American Relations, 1917-1920* ganhou o prémio Pulitzer em 1956. O seu segundo prémio Pulitzer, foi-lhe dado por *Memoirs 1925-1950*, publicado em 1968. Continuará a ser apreciado no futuro, certamente também como mestre da prosa inglesa.

Até há muito pouco tempo, continuava a ler manuscritos que outros historiadores lhe levavam para comentário e seguia atentamente o que se passasse no mundo. Já com 98 anos, declarou-se, numa entrevista, contra a guerra no Iraque do Presidente Bush,

levantando dúvidas que o tempo veio a provar certas sobre o siso de juntar mais uma guerra à que os Estados Unidos já travavam contra a Al-Qaida e sobre as armas de destruição maciça de que Iraque disporia. Como cidadão, não perdoou a falta de coragem da oposição democrática cujos senadores, na sua maioria, autorizaram o Presidente a ir para a guerra por medo de perderem votos nas eleições para o Congresso de 2002.

Os que, como eu, tiveram o privilégio de o conhecer e vierem a sobreviver-lhe – a pouco e pouco, vamos indo quase todos antes dele – recordarão a inteligência cintilante,

o brilhantismo da conversa, o humor na observação do mundo, a sabedoria, o sentido cívico, a visão moral sem ser moralizante, o *charme*. Alto e bem parecido, quando era novo as mulheres achavam-no «interessante» – como se dizia no tempo da minha mãe, que era o tempo dele – e manteve-se *coquet* até aos cem anos: se eu

vinha visitá-lo sozinho estava em mangas de camisa ou de camisola; se minha mulher vinha também recebia-nos de casaco de *sport* e gravata. Caseiro mas galante.

Branco, anglo-saxão e protestante do Norte frio – em Milwaukee, no Wisconsin, onde ele nasceu há sempre muita neve no Inverno – preocupa-se com a evolução do seu país. Na nossa última conversa, receava que os Estados Unidos se viessem a dividir em dois, ficando o espanhol a ser a língua dominante da metade do sul. Perguntei-lhe se achava que o Texas viria um dia a ser independente. «Tomara eu que já fosse...» foi a resposta. *RJ*

LISBOA, JULHO DE 2004

JÁ COM 98 ANOS, DECLAROU-SE, NUMA ENTREVISTA, CONTRA A GUERRA NO IRAQUE DO PRESIDENTE BUSH, LEVANTANDO DÚVIDAS SOBRE O SISO DE JUNTAR MAIS UMA GUERRA À QUE OS ESTADOS UNIDOS JÁ TRAVAVAM CONTRA A AL-QAIDA.

A JARDINAGEM

“**S**e há uma grande lição que os Americanos têm de aprender sobre a metodologia da política é que devem ser jardineiros e não mecânicos na abordagem das questões mundiais. Temos de pensar na evolução da vida internacional como um processo orgânico e não como um processo mecânico. Devemos compreender que não criámos as forças que operam nesse processo. [...] As forças da natureza hão-de estar com quem as entende melhor e as respeita mais escrupulosamente. [Se] a nossa visão da vida está mais próxima da natureza verdadeira do homem [então] podemos ser pacientes e até aceitar reveses, confiando nos modos mais fundos e duradouros da história.” *RJ*

George Kennan (1954), *Realities of American foreign policy: 93-94*. Princeton: Princeton University Press.